

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

PREÇO DA ASSIGNATURA			PUBLICA-SE	PREÇO DA ASSIGNATURA			N.º 908
7.º ANNO	Braga, 12 mezes.	1\$600		Provincias, 12 mezes.	2\$000		
	» 6 »	850		» 6 »	1\$050		
	Correspondencias partic. cada linha	40		» sendo duas assignaturas	3\$600		
	Annuncios cada linha.	20		Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600		
	Repetição	10		Folha avulso	10		

BRAGA

TERÇA-FEIRA 11 DE MARÇO DE 1879

Estamos de facto no reinado d'As-trea.

Quem o quizer verificar, leia no extracto das sessões legislativas as diferentes declarações do governo com relação ao nosso estado financeiro.

Somos, n'um grau de prosperidade publica, bem capazes de despertar a inveja do estrangeiro a nosso respeito.

E o que é mais para notar, é o meio realmente singular por que attingimos uma tão grande felicidade!

Alguem imaginará, talvez, que nos trouxe esta ventura aquelle saldo de vinte e tantos contos de reis, que o snr. Fontes nos prometteu, ha alguns annos, em beneficio do paiz...

Nada d'isso.

Somos felizes, porque em vez do saldo temos um deficit de quasi nove mil contos, uma divida fluctuante enorme, e o thesoiro sem real.

Não o dizemos nós. Asseverou-o o snr. ministro da fazenda, e confirmou-o o snr. Fontes, quando disse, que vinte e cinco, cincoenta, ou cem contos de reis gastos a mais, não eram coisa que merecesse consideração, porque não influíam no systema financeiro do governo.

E de feito, que importancia tem essa quantia n'uma verba de quasi nove mil contos, que faltam para equilibrar o orçamento?

Os pessimistas assustam-se, porque os encargos da divida publica absorvem já ametade dos rendimentos do estado.

Não querem crer, que porisso mesmo seja mais lisongeiro o estado em que se encontram as nossas finanças, do que quando esses encargos absorviam apenas um terço da receita, em tempos em que esta era menos do que hoje; mas tenham, paciencia, que não é possível duvidar-se da palavra do snr. Serpa, que por ser um bom financeiro, assim o affirmou no parlamento.

Não temos o saldo prometido, mas temos o deficit necessario para sermos bastante felizes, porque segundo os principios da infallivel economia politica, uma nação é tanto mais feliz, quanto maiores forem as suas dividas.

Porque não importam os contribuintes o principio para a administração particular de suas casas?

O que na fazenda publica constitue um principio de riqueza, por força que o ha de ser igualmente na propriedade particular; e d'esta fórma o que mais deve, será por isso o mais rico.

O peor é que quem deve, tem que pagar. E que, portanto, as grandes dividas que hoje pesam sobre o thesoiro, recaem directamente sobre as economias dos contribuintes.

Assim é que, estando ricos, estamos pobrissimos; ricos, porque devemos muito; pobres, porque não temos com que pagar.

Que bello systema! que bons administradores!

M. MARINHO.

O «Amigo do Povo».

Uma local sob a epigraphe de Conferencia de S. Vicente de Paulo, que inserimos em o n.º 903 do nosso jornal, foi desafiado as iras do escriptador do «Amigo do Povo». Se o leitor a não leu e quer tomar conhecimen-

to da questão, convidamol-o a que consulte o citado n.º, sem o que não poderá julgar-a perfeitamente. Esta advertencia que fazemos, nos evitára o ter de repetir o que alli deixamos escripto, e apenas diremos que ella stigmatizava o proceder, attentas muitas circumstancias, inqualificavel, dos jornaes que, em linguagem rude e grosseira, affirmaram que a distribuição da sopa economica pelos operarios pobres sem trabalho se fizera sob influencias politicas, o que era, e é, inteiramente falso; e do que, já a estas horas, pelo que se tem passado, devem estar convencidos os que isso affirmaram, se n'aquelles cerebros desnorreados, pôde alguma vez albergar-se a convicção da verdade.

N'esse escripto, como o leitor poderá ter visto ou ir ver, fomos duros e energicos, confessamol-o, mas nem a nossa consciencia foi trahida, nem a verdade espesinhada, nem a justiça offendida no mais leve ponto.

E este mesmo testemunho da nossa consciencia, temos a mais plena convicção de que deve ter sido plenamente comprovado por todas as pessoas sensatas d'esta cidade que conhecem a fundo, por um lado, a pureza da nossa intenção, e por outro, a natureza, a indole e o caracter das torpes insinuações que deixamos stigmatizadas.

Fomos duros, mas conscienciosos; severos, mas verdadeiros; energicos, mas justos.

A verdade é sempre amarga para o mentiroso assalariado, para o calumniador professo, e para o delinquente consuetudinario; e tanto mais o é, quanto mais clara e evidente se patenteia, mas nem porisso abdica vez alguma os seus fóros de verdade. Chamar ás cousas pelo seu nome, pôde ser amargo e custoso; injusto e falso, nunca; e em questões d'honra, de credito e de Religião, logo que passaram ao dominio publico, se nenhuma mentira é util, nenhuma verdade é prejudicial. Volte, pois, contra si proprio todas as iras, o homem que procurou a gloria, nada invejavel, de se arvorar em mensageiro da mentira e da iniquidade; nunca porém perca a tramontana em presença da voz eloquente e fulminante da verdade que o condemna, pois ella lhe responderá: Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle.

E' certo, tambem o não negamos, pois em nada prejudica o que levamos dicto, que muito tempo havia que o «Amigo do Povo» nos estava esgotando a paciencia com zumbais, allusões e sarcasmos torpes. Nunca esse papel immundo perdeu occasião de nos satyrisar, morder e provocar com tanta mais insistencia, despeito e rancor, quanto maior era o desprezo, a que o votavamos, e de que elle é merecedor.

Por muitas vezes nos susteve a pena o pedido e as reflexões d'alguns amigos, que sempre nos disseram que elle era indigno de que lhe dirigissemos uma só palavra, porque estava abaixo de toda a critica, e era absolutamente impotente para comprehender o bem e a verdade.

Ha infelizmente, força é confessal-o, homens assim formados.

Outros, porém, nos estranhavam o deixarmos por verberar condignamente o despiante e a petulancia com que incessantemente nos insultava.

Perplexos durante longo tempo entre estas duas correntes d'opiniões apparentemente encontradas, mas que tem ambas um fundo de verdade, não nos pudemos ultimamente conter quando elle com outros investiram perdidamente com asublime e purissima sociedade da Conferencia de S. Vi-

cente de Paulo, que tomára a seu cargo o generoso empreendimento da sopa economica; sem embargo de não ser connosco a questão, nem termos n'ella o minimo interesse pessoal.

Foi então que compuzemos a local inserta no nosso n.º 905, na qual, se de alguma cousa nos remorde a consciencia, é tão-sómente de termos sido mais indulgente e caritativo para com quem o exercicio da indulgencia é frouxidão, a benevolencia um despropósito, a cortezia uma extravagancia; nunca, porém, de termos faltado, nem á justiça, porque ninguém insultamos, nem á verdade, porque ella é e será sempre a bussola da nossa penna, nem á caridade, porque nenhuma individualidade ferimos, então, nem desde que escrevemos, nem á consciencia, porque exprimimos o que era filho da nossa mais profunda e inabalavel convicção.

O director, porém, do «Amigo do Povo», o snr. Cunha Vianna, entendeu que tudo quanto leu na referida local era talhado a molde para s. s.ª e para mais ninguém. Inutil é, por certo, entrar nas razões que o convenceram d'isso, nem tentamos devassar ou expôr o sanctuario das consciencias. O certo é que, tendo-nos encontrado na rua, começou o seu cumprimento por nos pedir explicações, a que atalhámos, observando-lhe com a necessaria, mas cortez intimativa de que, se algumas explicações pretendia, lhas dariamos no nosso escriptorio, que a poucos passos ficava do local onde nos encontramos.

Convidando-o a acompanhar-nos, pedimos a um empregado que no mesmo estava para que se retirasse; e depois de termos fechado por dentro, a sós com s. s.ª, tivemos a paciencia de lhe escutar a exposição, por vezes altaneira e menos conveniente, o que nos ia obrigar a lembrar-lhe cousas de que não devia esquecer-se. Respondemos-lhe que a nossa local se referia aos jornaes que tinham mettido a politica a distribuir sopa economica, entre os quaes estava o «Amigo do Povo», e alguns outros, de fóra da terra, nas correspondencias de Braga—a «Lucta», por exemplo.

Como s. s.ª nos observasse que entre os jornaes da terra só o seu o fizera, accrescentamos que faziamos distincção entre a sua individualidade e a acção que praticára por meio do jornal, e que, portanto, haviamos stigmatizado o acto, mas nunca a presonalidade do snr. Cunha Vianna, pois os catholicos, embora profliguem as más acções, jámais tem intenção de insultar as pessoas que as praticam, porque essas devem amal-as. Tambem lhe repetimos que fóra nossa intenção escrever contra o que tinhamos lido em outros jornaes de fóra da terra, e citamos-lhe exemplos. Foram simplesmente estas, em resumo, as explicações que lhe demos por serem verdadeiras em todo o sentido; e promettemos-lhe, por assim nol-o ter pedido, que, em harmonia com ellas, diriamos no jornal, depois de lhe termos repellido bruscamente, porque a isso nos deu direito, uma cerebrina satisfação que trazia cosinhada, que teve a ousadia de tirar do bolso, mas que teve a paciencia de tornar a guardar no sitio.

Eis o facto.

Tendo nós já escripto para o n.º seguinte, 906, coasante prometteramos no anterior, o mais que se havia passado na ultima sessão da Conferencia de S. Vicente de Paulo, adicionamos á local mais um P. S., no qual satisfizemos a s. s.ª em perfeita harmonia com as explicações que pessoalmente lhe déramos na vespera. Pois bem: no n.º immediato, o «Ami-

go do Povo» dirige-se-nos com uma linguagem, que não empregaria, sem córar de prajo, a mais perdida collareja. Nunca vimos até hoje uma linguagem que respirasse mais odio e rancor, nem que revelasse mais claramente o cynismo, o orgulho pyramidal e o insulto soez e atroz. O insulto corre alli parelhas com a mentira mais revoltante.

Por decencia e respeito para com o leitor e por amor á respeitavel e veneranda instituição da imprensa, tão torpemente enxovalhada com uma linguagem desabrida e de todo impossivel, não ousamos desdobrar ante os olhos de quem nos lêr, todo aquelle sudario asqueroso de torpezas e mizerias. Apenas apresentaremos com profundo pezar, e fiando que o leitor nos desculpará, alguns specimens, para que o leitor que não puder haver á mão o «Amigo do Povo», possa fazer justiça ao que levamos dito, e para que note com que despejo, acrimonia e raiva elle fere a nossa individualidade, circumstancia aggravantissima que dá ás suas palavras o caracter d'um crime, que, além de cair sobre a acção da lei, seria imperdoavel aos olhos de quem não abrigasse sentimentos christãos.

Oíçam-n'os:*Felicitamos o snr. Mesquita pela sua heroicidade, pela sua formidavel abnegação dignas d'aquelles maravilhosos tempos em que os Cesares volavam os christãos ás feras do Colyseu....*

Nós ficamos sabendo que a vossa religião não passa d'uma vil hypocrisia, que o vosso evangelho é uma serie de capitulos gallegos, que o vosso Deus não é, nem pôde ser aquelle que pairava por sobre a cabeça do Christo agonizante.

Sois uns farçantes, uns hystriões. A vossa oração quotidiana deve ser uma blasphemia tremenda.

A hypocrisia e a covardia subjugam-vos todas as faculdades.

P. S. Acabamos de ler o «Commercio do Minho». O sevandija faltou miseravelmente á sua promessa. A sua resposta parece dada pelo famoso lazariista de A. Ennes. Prometteu ser laconico, dizendo a verdade, sem recorrer á sua estafada rhetorica e não pôde fugir ao destino: foi immundo como o focinho d'um porco.

Faltaremos....
Naquellas faces onde se espelha a mais abjecta hypocrisia, não ha sangue e importa que elle appareça....

O sapo que insultou os membros da Associação Catholica e que se babou de medo quando nos dirigimos á sua repellente individualidade pôde contar connosco.

Basta! E' tempo de lh'o dizermos; o leitor deve estar vexado.

Não commentamos, porque eram superfluos quaesquer comentarios.

Em face d'isso, que não sabemos qualificar, e do mais que por decencia e respeito ommittimos, tinhamos dois alvitre obvios a tomar: lembrar-lhe que, apesar do estado corrupto e degradante, a que o monstro do liberalismo tem arrastado a patria, ainda ha no paiz leis que condemnem os criminosos, e magistrados que as executam; ou seguiu o mesmo terreno em que se collocou, e lançou mão dos mesmos meios de que se serviu para aggreddir assim a nossa personalidade.

Não tomamos o primeiro, porque, a tomal-o, seria como remedio preventivo e não como acto de vingança, e aquelle seria inefficaz para o réo que, ao sair do banco aonde o arrastou o crime, prose-

guiria mais ousado e activo na senda que lhe parece natural e invencível. Demais tudo quanto se refere á nossa personalidade, de boamente lhe perdoamos.

O escândalo que dá á sociedade, esse ella o punirá condignamente, repellindo um papel que não precisa de vomitar nova linguagem para ser detestado, como merece, por todos os honens de bem, e cujos sentimentos não tenham feito naufragio ainda neste seculo de mentira e corrupção.

Por igual não abraçamos o segundo alvitre, que alguns, menos pensadamente, nos aconselhavam, porque sobre outras razões, bastava lembrar-nos de que nunca o fizemos e de que fomos uma gravata.

Combater o erro e o mal com a energia e constancia que a hediondez e o excesso dos mesmos reclama imperiosamente nestes tempos de verdadeira lucta, sem nunca offender odiosamente as personalidades, tal a missão, e não outra, do jornalista catholico, missão que ou hemos de cumprir ou, ah!is, quebraremos a pena. Se alguma vez, no integral desempenho d'ella, tivermos de ferir os que praticam os actos que stygmatisamos, nossa não é, por certo, a culpa, mas somente dos que, não querendo ser lobos, lhe vestem a pelle, jurando ao seu deus não a largar. Depois a pulverisação do erro deve graduar-se pela monstruosidade d'este, e a guerra ao mal pela hediondez com que elle ousa ostentar-se.

Não tendo nós optado por nenhum dos dois primeiros expedientes, um terceiro nos restava ainda, verdadeiramente honesto e legitimo—o tribunal da opinião publica, mas da illustrada e sensata, porque a outra não a temos na minima conta.

Ella decidirá em face do processo, cojas peças tem pateates e notorias, e saberá condemnar o criminoso.

Os insultos que nos dirige, não só lh'os perdoamos, como lhe temos perdoado muitos outros; mas também lh'os agradeceremos, já pelo principio d'onde emanam, já porque os reputamos como feridas gloriosas, e bom prenuncio de que não temos deslizado um apice da senda do dever. De resto, se d'alguma consolação carecessemos, tinhamol-a de sobejo, lembrando-nos de que temos muitos companheiros.

Emquanto ás ameaças, com que nos provoca, sinceramente lamentamos a tristissima ideia que dá de si e que a sua lastimosa cegueira o impedissem de ver a posição bem mais triste, se é possível, em que se colloca aos olhos do publico honesto e illustrado. Pela nossa parte affiançamos-lhe que o não tememos, nem cuidado algum nos inspiram expressões que só profere n'um jornal quem não pôde ser responsavel por ellas, attento o estado em que devia achar-se, a não ser que quizessemos attribuir-lhe, apesar de tudo, uma indole e caracter excepcional. Contudo lembramos-lhe que se considere bem antes de tentar pôr em pratica qualquer acto, que teria de chorar toda a vida. Nenhum desforço brutal poderá já mais qualquer recear da nossa parte, cobrissem-nos embora dos mais affrontosos epithetos, e injurias, declaramol-o alto e bom som, embora nos não creiam; mas collocados em alguma dura alternativa, em que perigassem os nossos direitos individuaes, muito receariamos pela sorte do malvado.

E a proposito pôde ser salutar lembrarmos que o «Amigo do Povo» ha contrahido para com muitos uma divida talvez insolúvel, e que não seria conveniente provocar algum dos credores que pôde saldar-se com terrivel usura da divida inteira contrahida para com cada um; e como, a par d'essas dividas para com os homens, avulta uma verdadeiramente terrivel, porque é para com Deus, entendemos também dever lembrar-lhe por caridade dois adagios que nunca mentiram e que por causa do «Amigo do Povo», não deixarão de ser, como sempre foram, duas grandes verdades, que cumpre não esquecer.

Resa a primeira: *Foge ao dever que o pagar é certo.* A segunda soa assim: *Deus não dorme.*

Em quanto ás mentiras com que também pretendeu enxovilhar-nos, duas avultam que não podemos deixar sem o devido correctivo, porque bolem com a nossa honra e dignidade.

Ambas se contém no ultimo periodo da transcripção que já deixamos feita. As duas asserções que ahí se contém são *voltairianamente* falsas. Afirmando o «Amigo do Povo» que já *insultamos* os membros

da Associação Catholica, refere-se a uma local que inserimos no n.º 876 do «Commercio do Minho», na qual davamos uma resenha da *academia religiosa* que teve logar em dezembro do anno findo. No fim do local manifestamos o nosso sentimento por algumas medidas que se tomaram, e acrescentamos: «Não queremos entrar na apreciação d'essas medidas, comquanto tivessemos direito a fazel-o, embora na inconsciente expressão d'um dos directores fossem decisões de corpos collectivos»: e tanto não insultamos os membros da associação, nem ferimos uma só individualidade, que pouco depois dizíamos que «algumas pessoas pertencentes á direcção e commissão da Associação haviam stygmatisado o mesmo que nós». O «Amigo do Povo» attribuiu assim falsamente aos outros aquillo que só elle faz por habito e costume. De resto, só o «Amigo do Povo» agora e por essa occasião um sujeito que não conhecemos, ousaram afirmar que *insultamos*.

Pelo que respeita á segunda mentira, nós appellamos para a consciencia do que a escreveu, se não está de todo *cadaverizada*, permittam-nos a expressão, assim como também podiamos appellar para o testemunho de todo ou quasi todo o pessoal operario d'esta empreza que ouviu e presenciou a maneira energica, nobre e digna com que lhe fallamos, comquanto s. s.ª não visse ninguém a escutar-lhe as expressões; mas quem assim falla não tem *jus*, sequer, á consideração que com isso parecia que lhe davamos.

Quanto estavamos longe de pensar que recebiamos em nossa casa quem iria depois afirmar no jornal tão revoltante mentira!

Com franqueza, não o acreditamos, se o não vissemos escripto!

Ao menos ficamos sabendo a maneira como s. s.ª desejava que o tivessemos recebido.

Não podemos terminar sem manifestarmos mais uma vez a nossa mais profunda magoa ao vermos os torpes e inqualificaveis abusos que todos os dias se está fazendo da veneranda e respeitavel instituição da imprensa, cuja missão devia ser das mais nobres, sublimes e salutareas no seio da sociedade.

E' que o monstro do liberalismo tem produzido uma chusma horrivel de garotos engravatados, *soi-disant* sabios, *talentosos* e *jornalistas* e que são simplesmente a escoria da imprensa, a deshonra e a vergonha da humanidade e o lodo nengento que profana e conspurca tudo quanto ha de sancto e sagrado sobre a terra.

Anceavamos por expender muitas outras considerações, que julgamos importantes, já para mais perfeito desenvolvimento das nossas ideias, e já para elucidação d'outras que ahí deixamos, e que podem soffrer uma interpretação menos justa e verdadeira, sem as esclarecermos: mas agora não nos é isso possível.

Ao mancebo desvairado que nos obrigou a escrever, cumpria-nos dar-lhe aqui alguns conselhos d'amigo, como tencionavamos ao principiar este escripto, mas, como para tanto nos fallece o espaço, não faltará occasião opportuna, em que melhor possamos fazel-o.

Entretanto creia que nenhum odio, nem ressentimento abrigamos para com s. s.ª, mas que unicamente fazemos ardentes votos porque se convença de que não lhe temos ferido a sua individualidade, nem o faremos já mais, senão obrigados a isso, e de que não deixaremos, por um momento sequer, de cumprir rigorosamente com o nosso dever de jornalista catholico, combatendo o erro e annunciando a verdade, condemnando o mal e defendendo o bem.

Que nos comprehenda, d'uma vez por todas, que é o fim de quem falla ou escreve, é o nosso maior desejo.

Para nós, poncto final na questão.

A. M.

Lisboa, 8 de março de 1879.

(Do nosso correspondente).

O radicalismo ganha terreno, em França. Elle está contente, e os amigos do direito, e da causa da Igreja, não o devem estar menos. E' talvez preciso que o liberalismo ponha a cupula no seu edificio, para que elle tombe e se precipite no abysmo da sua anniquilação, e das ruinas da obra da iniquidade surja a victoria da legitimidade.

O governo actual alli parece agonizante. Uma parte da imprensa franceza pede que se dê a presidencia do ministerio a Gambetta, mas os radicaes, a nata do liberalismo, exigem que subam ao poder homens, que saibam collocar a França no logar, que satisfaça plenamente as aspirações do partido demagogico.

E tudo parece indicar que se caminha para o dominio da demagogia, com todo seu sequito de abominações, com todo seu cortejo de impias e devassas brutezas.

Que cheguem quanto antes, se teem de provar ainda mais a nobre França, victima expiatoria dos erros dos governos liberaes, antes do dia, em que ella tem de chamar ao throno de S. Luiz o nobre conde de Chambord.

Em Hespanha também se agitam os partidos, mormente desde que Martinez Campos veiu de Cuba. O ministerio Canovas demittiu-se. Quem sabe se o restaurador do throno intruso está reservado para ser o instrumento da queda da sua propria obra!

Os republicanos, embora pareça que dormem, micam alli constantemente a existencia do governo do pobre Alfonso, que, enquanto a mim, tornará a mastigar o negro pão do desterro, deixando o logar vago, para depois o occupar o herico Rei legitimo, Carlos VII.

Quinta-feira recebeu o presidente do conselho a insignia do Tosão d'ouro. Segundo diz o «Diario de Noticias», que é familiarizado com todo o ceremonial cortezaõ, o sr. Fontes foi consultado se de-vera queria que lhe deitassem ao pescoço o cordão; e depois de s. exc.ª responder affirmativamente, entrou na sala do throno, e o sr. D. Luiz dependurou-lhe a insignia, e abraçou o seu digno ministro. Não sei se s. exc.ª desmaiou. E' provavel que não, porque, dizem-me, o sr. Fontes não é homem mui susceptivel de *jchelicis*.

O que realmente admirou a muitos foi a condescendencia do sr. D. Fernando, sujeitando-se a exercer o officio de cyreneu de um dos subditos de seu Filho. E' porque não querem acabar de se convencer que tudo isso que ahí está, é liberal dos quatro costados. Em se convencendo, já de nada se maravilharão, quando saia do campo revolucionario. Ah! é tudo o mesmo; todas as classes são irmãs: o rei: é igual ao criado, o criado ao rei são todos liberaes.

Dizem-me que o tristemente celebre regulamento para o clero do patriarchado fóra já sancionado!...

E' incrível!... Mas não é...

Muitos cahiram das nuvens; en, não, porque sei os tempos, em que vivo, e nada me vem já colher de supito, meu amigo.

Hoje está quasi tudo podre, e se isto continúa assim, se Deus se não lembra de nós, inspirando ao paiz a deliberação de se emancipar da tutela revolucionaria, poucos, relativamente, poderão sahir incolumes desta temerosissima procella, que ahí está açoutando a terra outr'ora fidelissima.

Como vos disse, n'outra correspondencia, a alfandega grande desta cidade teve uma receita fabulosa, em fevereiro, em virtude das entradas extraordinarias de tabacos, devidas á nova lei, que eleva muito o direito do referido genero.

As diversas companhias, pois, soffregas de grandes lucros, mandaram vir o maior numero possível de carregações, para se aproveitarem do actual direito, e se valerem da elevação d'elle, para levantarem depois os preços, embora sem razão de ser nos primeiros tempos, como é obvio. Dizem-me que João Paulo Cordeiro, contrahira, no estrangeiro, um emprestimo de mil contos de reis e a companhia de Xabregas um também de muitos contos de reis para a compra do tabaco, que teem importado ultimamente, e o que ainda tem, porventura, de ser despachado antes de vigorar a nova lei.

E' inutil dizer que o consumidor pagará ás favas.

Mas, se todos, ou quasi todos tiverem juizo, estallar-lhes-ha a castanha na bocca, aos taes especuladores, e sanguessugas da algibeira alheia.

Pois não haverá força para cada qual prescindir de fumar, ou de cheirar rapé, ou de gastar menos do que actualmente gasta em tabacos?

Queiramos, e os traficantes, em vez de levarem lá, irão tosquiados.

Quarta-feira entrou o Tejo uma bella fragata russa, com uns quinhentos homens

de guarnição, e 16 peças de artilheria. Dizem-me que pouco se demora aqui.

Falleceu ha dias a sr.ª condessa de Louzã, D. Amelia Neves. Tinha casado havia apenas dous mezes! Legou toda a sua fortuna ao marido.

Hontem foi conduzida procissionalmente, de S. Roque para a igreja da Graça, a veneranda Imagem do Senhor dos Passos. Outr'ora ninguém da aristocracia fallava ao alludido acto; hoje, porém, são mui poucos os fidalgos, que fazem parte do prestito, e d'esses a maior parte legitimistas. Os outros foram á Ajuda na vespera fazer corte ao valido do sr. D. Luiz, e no dia seguinte ver das janelas a procissão, os que foram.

Que boa gente!

Meu caro redactor, ha muita falta de noticias interessantes, o que de certo vos não agrada, e tracta o espirito do vosso pobre correspondente

A.

GAZETILHA

Chronica religiosa.—A'manhã, 12:—Expõe-se o Sagrado Lausperenne em S. Pedro de Maximinos. (Esta solemnidade terá logar na capella de S. Sebastião das Carvalheiras, por estar em obras a igreja de S. Pedro).

Expediente.—Por absoluta falta de espaço tivemos de encurtar algumas secções do nosso numero d'hoje, e supprimir outras.—do que pedimos desculpa aos leitores e aos snrs. annunciantes.

Conselho de districto.—Na sessão de 1 o conselho de districto resolveu, entre outros os negocios seguintes:

Foi de parecer que estava nos termos de ser approvado o estatuto da confraria do Santissimo Sacramento, da freguezia de S. Vicente de Novaes, do concelho de Villa Nova de Famalicão.

Foi mais de parecer que estavam nos termos de ser approvados os orçamentos seguintes, respeitantes a 1878-1879.—No concelho de Barcellos, do Recolhimento do Menino Deus, e Senhora do Terço; do Santissimo Sacramento, das freguezias de Christello, Santa Lucrecia d'Aguiar, e S. Vicente d'Arêas; da Senhora das Dores, da freguezia de Fragozo; da Senhora do Rosario, da freguezia de Encourados, e de Santo André, da freguezia d'Arêas S. Vicente.—Concelho de Guimarães, da Ordem Terceira da Senhora do Carmo, S. Chrispim e S. Chrispiniano, Santa Luzia, da cidade de Guimarães. Almas, da freguezia de S. Thiago de Candoso; Senhora do Rosario, da freguezia de S. Miguel do Paraizo.—Concelho de Terras de Bouro, da Senhora dos Milagres, da freguezia da Balança.—Concelho de Villa Nova de Famalicão, das Almas, das freguezias de S. Thiago da Cruz e S. Cosme do Valle; Senhora do Rosario, da freguezia de Fradellos.

Audiencia de S. Santidade á imprensa catholica.—N'esta audiencia achavam-se especialmente representados a *Palavra* do Porto, o *Boletim Ecclesiastico* dos Açores d'Angra, a *Civilização* de Ponta Delgada, a *Semana Religiosa* Bracarense e o *Commercio do Minho* de Braga. Do Brazil estavam também representados o *Apostolo* do Rio de Janeiro, a *Reacção* e a *Sentinella* de S. Paulo, e a *Semana Religiosa* da Bahia.

Declaração.—Do nosso presado amigo o sr. Joaquim Leal, recebemos um communicado em que rectifica, pelo que lhe respeita, aquellas palavras da explicação do exc.º sr. António Maria Pinheiro Torres, inserta em o n.º 201 de 6 do corrente, do *Amigo do Povo*, pelas quaes s. ex.ª parecia dar a entender que nem o exc.º sr. Henrique Freire, nem o sr. Joaquim Leal e outros, pertenciam a partido algum politico.

Sabemos que o sr. Joaquim Leal, foi e é legitimista, bem como o sr. Henrique Freire; mas também podemos affiançar ao sr. Leal ou a qualquer outra pessoa, que o illustre signatario do communicado, consoante nos disse e por todas as razões se deve crer, não teve com aquellas palavras intencção de negar que s. s.ª pertencesse a este partido, mas somente dar a entender que não pertencia a nenhum dos partidos militantes, ou que n'elles se tornára ultimamente saliente.

Crêmos que s. s.ª ficará assim satisfeito com esta nossa clara e cathorica explicação, que desvanesce qualquer duvida acerca das crenças politicas de qualquer dos cavalheiros citados pelo sr. dr. Pinheiro Torres.

«O moleiro furibundo».—Assim se intitula um conto pertencente á formosa collecção dos *Contos para crianças*, publicada pelo sr. David Corazzi, um dos mais arrojados e illustrados editores do paiz.

E' adornado de oito excellentes estampas coloridas.

Agradecemos esta mimosa offerta. **As tragedias de Lisboa.**—Recebemos e agradecemos o 1.^o volume do romance *As tragedias de Lisboa*, original do sr. Leite Bastos, e editorado pela acreditada empresa das *Horas Romanticas*.

Theatro.—A companhia Soares levou ante-hontem á scena o drama sacro *Santo Antonio*.

Enchente real.

Fallecimento.—Falleceu ante-hontem a exc.^{ma} esposa do sr. Antonio Carlos d'Araujo Motta, digno escrivão de direito d'esta cidade.

«O regresso Catholico».—Temos presente o n.^o 9 d'esta excellente revista. Eis o seu summaio:

—A Historia dos povos sob o aspecto Catholico, pelo padre Senna Freitas. —Secção scientifica O microscopio, por Ernesto Soares. —Noticias scientificas, da «Illustração Catholica», de Madrid. —Secção litteraria: Paulo Féval—Atravez do jornalismo, pelo padre João Vieira da Cruz. —Secção critico-bibliographica: Historia Universal—Saraiva e Castilho, pelo padre Senna Freitas. —Secção artistica: Rapidos traços sobre o caracter da litteratura e da pintura em Hespanha, pelo padre F. Sanchez. —Edições de propaganda catholica: O Liberalismo desmascarado, por S. da C. Vieira Leite. —Retrospecto da quinzena, por J. de Freitas. —Ultimas publicações.

Atravez da provincia.—A cerca do guarda da linha ferrea que que ha tempos appareceu morto áquem de Caminha, como noticiámos, escrevem da Ribeira d'Ancora:

Appareceu ha dias morto em Affile um guarda da linha ferrea, e as auctoridades da terra julgando ter sido morto pelo comboio, sem mais formalidade mandaram enterrar o cadaver. Tendo conhecimento do facto, a auctoridade judicial mandou exhumar o cadaver afim de se lhe fazer autopsia, da qual resultou declarar os facultativos que fôra morto á pancada. Parece que o guarda era de uma das freguezias de Ribeira de Lima, do concelho de Vianna, e suspeita-se ter sido morto por individuos trabalhadores da freguezia a que pertencia, pois o haviam ameaçado.

—Confirma-se a noticia de se ter submergido uma barca de passagem no rio Minho, morrendo oito pessoas. Já appareceram dois cadaveres, que foram sepultados na parochia de Vide.

—Teve ante-hontem logar em Valença a procissão de Passos, que saiu do templo da collegiada de Santo Estevão e recolheu á capella do Senhor Bom Jesus. Os sermões do pretorio e do calvario foram prégados pelo sr. padre Constantino de Barros, abbade de S. Miguel de Fontoura.

—O rendimento da alfandega de Valença e delegações annexas á mesma foi, no mez passado, de 2:141\$744 reis.

—A uns individuos que se achavam n'uma estalagem de Guimarães, foram apprehendidas quatro peças de linho, subtraídas aos direitos fiscaes.

—Os moradores do campo da Feira e rua de S. Damaso em Guimarães vão representar á camara para ser transferida a feira do gado vaccum para outro local mais appropriado.

Novo ministerio hespanhol.—O novo ministerio hespanhol ficou assim constituido:

Martinez Campos, presidencia e guerra: marquez de Molins, estrangeiro: Francisco Silveira, reino: Paiva, marinha: conde de Toreño, obras publicas: Orovio, fazenda, e interinamente, ultramar: Auriolles, justiça.

Passavanti.—Foi julgado em Napolles e condemnado á morte o regicida Passavanti.

Donativo para a Conferencia de S. Vicente de Paulo.—Gostosamente publicamos a lista que abaixo segue, d'uma subscripção que nos municipios de Rio Claro e Barra Mansa, da provincia do Rio de Janeiro, agenciou o sr. Luiz Ribeiro da Silva, a pedido do seu amigo o sr. Antonio Augusto Ferreira, em beneficio do projectado asylo da mendicidade, que esteve para ser fundado n'esta cidade.

Como se deu de mão á ideia da fundação d'aquelle asylo, o referido cavalheiro offereceu o producto da subscripção á Conferencia de S. Vicente de Paulo.

Acções d'estas nunca são assaz louvadas.

Segue a lista:

José Francisco da Rocha 5\$000—Antonio Francisco da Rocha 2\$000—João Nepumeceno Lopes Figueira 2\$000—Um anonymo 500—Um anonymo 2\$000—Manoel Carlos de Barros 2\$000—Um anonymo 1\$000—Olegario Fausto de Queirós 1\$000—Augusto Pereira de Souza 1\$000—Um anonymo 1\$000—Corga Palhas 1\$000—Linhares 1\$000—Damião José Gonçalves 1\$000—Francisco Xavier Costa 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—João Gomes Flores 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um conservador não dissidente 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 500—Um anonymo 2\$000—Carvalho 500—Paulo A. Garcia 1\$000—Manoel Monteiro Pereira 1\$000—Manoel José Costa Ribeiro 1\$000—Antonio da Rosa S. de Figueiredo 1\$000—Pedro Domingos da Costa 400—A. Porto 1\$000—Agostinho Pereira Palhas 1\$000—Pedro d'Alcantara Pereira 1\$000—Um concorrente 2\$000—Um concorrente 1\$000—Um concorrente 1\$000—Dois irmãos 5\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—F. Q. Leal 2\$000—Eu 1\$000—José Joaquim de Souza Mgt.^a 500—Um anonymo 1\$000—Manoel da Rosa Furtado 2\$000—Dois amigos 2\$000—Um anonymo 500—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 500—Procopio Lourenço Xavier de Castro 2\$000—B. J. de L. B. 1\$000—Antonio Candido 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo C. G. 1\$000—Francisco Gonçalves d'Andrade 2\$000—Manoel José da Cunha e Sá 2\$000—João Bonifacio Gomes de Gouveia 2\$000—Feliciano José Ferreira 1\$000—Joaquim d'Oliveira Campos 2\$000—Vicente Pinto de Sant'Anna 1\$000—Antonio Martins de Souza Vianna 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—José Toste Ferreira 1\$000—Um anonymo 500—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—Vicente 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—José Marciano 1\$000—Nicolau Gaego 2\$000—José de Queirós 2\$000—Um anonymo 2\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 500—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um devoto 500—José Vieira 1\$000—Um anonymo 500—Emiliano Cruz 2\$000—Joaquim André da Cunha Junior 500—Antonio José de Araujo 500—Um anonymo 1\$000—Um correspondente 500—Capitão Costagnettes 1\$000—Um anonymo 1\$000—Joaquim Torquato Soares Camara 1\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 2\$000—Um anonymo 1\$000—Francisco Moreira de Macedo 2\$000—José Moreira de Macedo 2\$000—José Ribeiro da Silva 1\$000—Sabino Antonio Pereira 1\$000—Alexandre José da Costa 3\$000—Carvalho 1\$000—Francisco E. d'Almeida Cavalcante 2\$000—J. E. da Cunha e Sá 2\$000—João Henrique da Silva 1\$000—Agostinho Verissimo 1\$000—Samuel Cesar de Pinho Carvalho 1\$000—Laurindo J. de Lima 200—Um anonymo 500—Leopoldo Augusto de Pinho Carvalho 1\$000—Braz Nogueira de Gouveia 1\$000—João Manoel 1\$000—Manoel Joaquim dos Santos 1\$000—Domingos Ribeiro 500—Anthero da Silva Reis 1\$000—Francisco Eulalio dos Reis 2\$000—Um anonymo 500—Luiz Paschoal 1\$000—Antonio Gonçalves Peres 1\$000—Manoel Vieira da Camara 1\$000—Domingos Antonio Fernandes 1\$000—Custodio da Costa 500—Luiz Antonio de Mello 1\$000—Um anonymo 500—Um anonymo 500—José Luiz dos Santos Vianna 2\$000—Antonio Pereira Leite 2\$000—José de Souza Lorêto 1\$000—Samuel 1\$000—José Antonio Fernandes 1\$000—Julio Bittencourt 500—Antonio Pestana de Lima 2\$000—Santiago 2\$000—Antonio Carlos d'Oliveira 2\$000—Um anonymo 1\$000—Custodio de Souza Morgado 1\$000—Luiz Domingues do Lago 1\$000—Um anonymo 500—Diniz Noronha 1\$000—Antonio José de Souza Pinto 1\$000—Cezar Geoncle 1\$000—Um anonymo 1\$000—Manoel de F. Machado 1\$000—Dois anonymos 4\$000—Um anonymo 1\$000—Um anonymo 1\$000—Paulo Augusto Garcia 7\$000—Manoel Lacerda 1\$000—Um anonymo 500—Francisco Rocha 1\$000—Magalhães 1\$000—Pedroza 2\$000—Fonseca 1\$000—Guerra 1\$000—Tobias Luiz Rodrigues 1\$000—Araujo Netto 1\$000—Joaquim Pereira da Silva 1\$000—Um anonymo 1\$000—Augusto Meller 1\$000—Boldrome 500—Dr. Rabello 1\$000

—Pedro Gouveia 5\$000—Nuno Eulalio dos Reis 2\$000—Antonio Gualdino da Silva Reis 2\$000—Luiz Ribeiro da Silva 5\$000—Dr. José Barboza Torres 2\$000.

RELATORIO DO BANCO COMMERCIAL DA MADEIRA.

SENHORES ACCIONISTAS:

Mais uma vez nos cumpre satisfazer o dever que o artigo 47.^o dos nossos estatutos nos impõe, apresentando-vos o relatório e contas da nossa gerencia no anno de 1878.

Pon-to-vos deante o resumo de todo o nosso activo e passivo no dia 31 de dezembro ultimo, fornecer-vos-hemos, a respeito de cada verba, os elementos de informação mais essenciaes para vos habilitarem a determinar o vosso juizo.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial da Madeira, em 31 de dezembro de 1878.

Activo:	
Acções por emittir.	600:000\$000
Letras descontadas e a receber.	190:099\$879
Diversos devedores.	59:159\$692
Agencias no paiz.	9:324\$693
Gastos de installação.	3:217\$045
Sello em 6:100 acções.	610\$000
Movéis e utensilios.	4:423\$623
Edificio do Banco.	5:135\$499
Hypotheas de raiz.	101:851\$693
Juros a liquidar.	905\$329
Emprestimos sobre penhores.	18:233\$505
Contas correntes garantidas.	197:137\$323
Papeis de credito.	32:403\$000
Letras em execução.	4:260\$000
Caixa existencia em cofre em metal.	37:837\$900
	1.261:639\$186

Passivo:	
Capital.	1.200:000\$000
Obrigações a pagar.	17:567\$032
Depositos á ordem.	6:265\$065
Fundo de reserva.	3:970\$282
Diversos credores.	100\$235
Dividendo a pagar.	330\$945
Lucros e perdas.	33:385\$606
	1.261:639\$186

Caixa.	
Saldo em 31 de dezembro de 1877.	6.010\$926
Entrada durante o anno de 1878.	791:422\$753
	797:433\$681
Sahido.	759:575\$781

Existencia em metal. 37:837\$900

Descontos	
Letras descontadas no anno de 1877 a cobrar em 1878	175:758\$236
Descontos feitos durante este anno em letras.	334:063\$698
	509:821\$934
Cobrados nos seus vencimentos.	323:714\$110

Em carteira. 186:107\$824

Confrontado o movimento d'este anno com os anteriores, notar-se-ha o cuidado que a direcção tem constantemente posto em todas as suas transacções, retrahindo-se tanto, quanto a sua falta de confiança o exige.

Não é possível atravessar uma crise agricola, acompanhada de difficuldades monetarias e cambias, sem que o credito se restrinja dentro de certos limites e com mais solidas precauções.

Agencias e letras de cambio.

As nossas agencias nenhuns descontos operam, e representa, portanto, esta conta, as importancias destinadas a fazer face aos nossos saques.

Nem poderíamos imprimir-lhes maior movimento, luctando, como actualmente lucta, esta praça com as grandes altas de

cambios, e ainda assim muito escassos. Era o cambio normal sobre Inglaterra de 32 a 34 %₁₀, e sobre Lisboa de 8 a 10 %₁₀. Elevou-se aquelle a 42 conservando-se tendencias a subir, e este ultimo a 13 com as mesmas probabilidades.

Provém este estado extraordinario, da geral depreciação da prata nos mercados, de par com a circumstancia d'essa prata, assim depreciada, ter n'esta ilha o valor legal que lhe assegurou o decreto de 7 de dezembro de 1836.

Valendo legalmente n'esta praça, uma pataca mexicana mil reis, que, aliás, no mercado de Londres, onde por outros motivos afflue em quantidade, se obtem por um preço muito inferior áquelle—tem sido n'estes ultimos tempos extraordinariamente animada a importação d'aquella moeda.

Não ha modo de obter letra sobre o estrangeiro. Torna-se evidente meio mais lucrativo ao possuidor d'ella, a conversão em patacas e a importação d'estas.

Para satisfazer os compromissos do commercio, começou este por exportar a prata ingleza, e á proporção que esta se exgota vae successivamente crescendo a escassez e alta de cambios a que de principio nos referimos.

O nosso movimento de letras de cambio foi o seguinte:

Em carteira do anno anterior.	1:302\$793
Empregado durante este anno.	34:588\$869
	35:891\$662
Importancias já dispostas.	32:674\$223
Saldo.	3.217\$439

Hypotheas.

Importancia até o anno de 1877.	221:821\$951
Idem no anno de 1878.	51:033\$808
	272:855\$759
Creditos realizados.	171:004\$063
Balanço.	101:851\$696

A especialidade d'estas transacções mostra desde logo a sua natureza e a garantia que a acompanha.

Escusado é acrescentar que, tanto antes de determinar-se a crise agricola originada no deprecimento gradual dos famigerados vinhedos d'esta ilha, como depois que ella mais manifestamente se accentuou, não nos serviu de base para a garantia procurada, o valor dos predios rusticos, relativa á produção vinicola d'elles. Conhecedores, de perto, das produções locais menos ricas, mas cujas rendas exprimem um minimo de valores, fizemos sempre proceder ás averiguações precisas para descobrir esse minimo, e sobre elle assentar a transacção.

Nos predios urbanos não foi a direcção menos sollicita, certo como é, que o valor e rendimento d'elles, segue invariavelmente a prosperidade ou decadencia d'aquelles, exigindo as cautelas precisas sob este ponto de vista, além das usuas e ordinarias.

O balanço de 101.851.696 que os dados acima vos offerecem, está garantido pela cifra de 299:610\$330 a que sobe o valor venal dos predios que constituem as hypotheas, não se nos offerecem o duvidas a respeito de nenhuma d'ellas.

Emprestimos sobre penhores.

Saldo existente do anno anterior.	14:651\$427
Emprestimos feitos durante o anno.	13:850\$000
	28:501\$427
Importancias recebidas.	10:267\$922
Penhores existentes.	18:233\$505

Consistem elles em objectos moveis:—ouro, prata, mobilia e algumas acções de este banco, que tudo garante sobejamente os valores que caucionam.

Contas correntes com garantia.

Resultado do anno findo.	124:731\$450
Importancias saídas em 1878.	226:462\$932
	351:194\$382

Recebidas n'este anno. . . 134:037\$059

Existencia . . . 197:157\$323

Esta conta é o apuramento do debito e credito reciproco entre o banco e os particulares.

O debito ao banco, porém, considerado de per si só, sobe a 234:036\$411 reis, que se desdobram em diversas contas parciaes, garantidas por diversos modos:

74:213\$275 reis por 954 pipas de vinho Madeira e casca dura com o valor venal de reis... 107:320\$000

15:697\$380 reis emprestimos a camaras municipais, feitos com as necessarias auctorisações e com as respectivas assignações de rendimentos, reis... 15:697\$380

3:300\$370 reis a administrações de levadas de irrigação, cujos mananciaes constituem a primeira riqueza local, reis... 3:300\$370

93:211\$225 126:317\$950

87:936\$383 reis por letras devidamente cautionadas, reis... 87:936\$383

23:430\$090 reis por generos, (taboado, milho e trigo) no valor da factura, de reis... 32:000\$000

29:458\$713 reis por as diferentes hypothecas com o valor venal dereis. 65:381\$000

234:036\$411 311:635\$333

devendo notar-se que o excedente de reis 77.598.922, differença para mais a favor dos valores que constituem as garantias, provém apenas de tres especies d'elles, deixando nós as outras especies apenas representadas por valores eguaes aos garantidos, os quaes, mui pelo contrario, nem com elles podem entrar em linha de conta, já pelas firmas de superior valia que os abonam, já pelos rendimentos elevados que fazem objecto das assignações especiaes.

A direcção entende dever descer a estas minuciosidades para que o vago da cifra, ou a designação generica a que ella está subordinada, não pareça aproveitada a proposito para encobrir especulações, como as que arruinaram outros estabelecimentos de igual natureza,—facto que poderia dar logar a que esses mesmos estabelecimentos, ou os n'elles interessados, alimentassem a nosso respeito erradas suspeitas.

Se, porém, no meio da epocha difficil que atravessamos e que tanto se tem já prolongado, accrescendo sempre e successivamente novas causas de perturbação ás antigas que permanecem, nos podemos lisongear de, nem um momento, nos havermos afastado do pogramma que a vossa direcção se impoz de reserva e garantia a respeito de todos os valores, ou activos ou passivos, conseguindo, por isso, poder apresentar-vos a vossa fazenda no estado que fica summariamente descrito,—o mesmo dever exige que vos demos conta das contrariedades encontradas durante o mesmo anno, entre as quaes avulta a que houvemos com a casa João José Rodrigues Leitão & Filhos, então agentes do Banco de Portugal, n'esta ilha. Trouxe-nos ella, pelo mez de julho, uma perda de 10:400\$000 reis; pelo que, de accordo com o vosso conselho fiscal, resolvemos não fazer dividendo relativo ao primeiro semestre, embora os lucros a elle relativos tivessem effectivamente subido a 20:488\$845 reis. Preferimos o pouco e seguro, ao avantajado e phantastico, procurando reparar desde logo aquella perda.

N'estes termos, pondo á vossa disposição e exame tudo quanto na respectiva escripturação quizerdes examinar ou verificar, temos a honra de propor-vos:

1.º que sendo os lucros havidos no anno de 1878, de reis 33:385\$606, incluindo o saldo do anno anterior de reis 1:944\$309, se lhe dê a seguinte applicação:

Dividendo de 4 % ao anno 24:000\$000
Fundo de reserva, 5 % sobre o mesmo dividendo 1:200\$000
Para amortisação de reis 3:827\$045, importância de gastos feitos com a installação do Banco, na razão de 10 % 382\$704
Para contribuição industrial n'este anno. . . 2:181\$600
Balanço que passa a conta nova. . . 5:621\$302
33:385\$606

2.º que consigneis um sincero voto de reconhecimento para com o digno Conselho Fiscal pelo zelo e sollicitude que em todos os negocios de sua competencia tem desenvolvido, auxiliando-nos sempre com seu conselho e intelligencia.

Funchal 4 de janeiro de 1879.

Os directores
João de Salles Caldeira
Carlo Bianchi
José Paulo dos Santos.

Parecer do Conselho Fiscal SENHORES ACCIONISTAS:

Em cumprimento do disposto no artigo 40. n.º 6 dos nossos estatutos, vimos apresentar-vos o nosso parecer sobre o relatório da direcção, relativo á gerencia do anno de 1878.

Depois do desenvolvimento que a direcção julgou conveniente dar a este documento, onde podeis facilmente apreciar o movimento geral de todas as operações do Banco, parece-nos desnecessario acrescentar largas considerações sobre elle.

Cumpramos, apenas, affirmar-vos, pelo exame e verificação a que procedemos nos livros do Banco, que são exactos e verdadeiros os dados que a Direcção apresenta e que nada vos pôde auctorisar a temer para elle a lamentavel decadencia e ruinoso estado em que se acham outros estabelecimentos de igual natureza.

No meio da situação anormal em que se acha este districto, a braços com uma crise economica, que abalando profundamente a nossa agricultura, o nosso commercio e a nossa industria, ha muito já que entre nós permanece, sem que a vejamos diminuir ou melhorar, antes progredir e agravar-se,—não deve extranhar a ninguém que n'esta grave conjuntura não se sentisse o Banco ferido no desenvolvimento das suas operações. Por mais providencia e cuidado que houvesse da parte dos seus directores,—e d'isto tendes subidas prova,—era quasi impossivel resistir incolume ao embate de tão graves perturbações. Foi o que infelizmente aconteceu, tendo de lamentarmos, em julho passado, uma perda importante com a casa João José Rodrigues Leitão & Filhos, agentes do Banco de Portugal n'esta ilha e que nos levou então a accordar com a Direcção, que não fosse dado dividendo relativo ao 1.º semestre d'esse anno.

Se temos porém de consignar esta perda, talvez impossivel de prever, attento o credito e importancia que aquella casa gozava, outros motivos temos,—como vos prova a verba de lucros e perdas,—para nos congratularmos pela situação relativamente prospera em que se acha este Banco, devida sem duvida ao cuidado, zelo e prudencia da sua Direcção.

Consequentemente propomos:

1.º que aproveis o balanço e contas da gerencia do anno de 1878.

2.º que sendo o lucro liquido d'este anno de rs. 33:385\$606, se lhe dê a seguinte applicação:—para dividendo de 4 p. c. ao anno, rs. 24:000\$000; para fundo de reserva, rs. 1:200\$000; para amortisação de gastos de installação, 382\$704 rs.; para contribuição industrial, rs. 2:181\$600; balanço que passa a conta nova 5:621\$302 reis.

3.º que consigneis á Direcção e seus empregados um voto de louvor, á primeira, pelo zelo e prudencia com que tem gerido os interesses que lhe estão confiados, e aos segundos, pelo bom serviço e empenho que tem mostrado pela prosperidade crescente do Banco.

Sala das sessões do Conselho Fiscal do Banco Commercial da Madeira, no Funchal, aos 8 de janeiro de 1879.

William Hinton—Presidente.
Manoel Inisio da Costa Lyra.
Roberto Wilkinson.
Manoel Figueira de Chaves.
Antonio Cactano Aragão—Secretario.
(2300)

THEATRO

DE

S. GERALDO

Companhia dramatica portu-
gueza

Quarta-feira 14 de março.

A comedia em 1 acto:

CLERO, NOBREZA E POVO

A comedia em 1 acto:

CADA UM NO SEU LOGAR

Toma parte no espectáculo a Estudantina Bracarense.

Principia ás 8 horas.

ANNUNCIOS

MUITA ATENÇÃO

Constando que alguns cerieiros d'esta cidade, continuam a propalar que a cêra que vende a Companhia Cerifica Portuense, é falsificada, a direcção empraça-os a que venham pela imprensa, no prazo de 3 dias, fazer essa declaração publica, aliás serão havidos como calumniadores. A companhia assegura que não compra senão cêra de 1.ª qualidade, e garantirá a que levar a sua marca Porto, 7 de março de 1879.

Pela Companhia Cerifica Portuense,

Os directores,

Manoel Vieira Borges.
Manoel Ribeiro Rodrigues Forbes.
(2299)

THEATRO DE S. GERALDO

A direcção d'este theatro, faz publico que no dia 16 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, terá logar a arrematação de dous camarotes, loja e sala do café, pertencentes ao mesmo theatro.

Braga, 9 de março de 1879.

Os directores,

Francisco Maria Pereira d'Araujo.
Antonio José Pereira de Magalhães Junior
Antonio Santos d'Azevedo Magalhães.
(2303)

CASA

Arrenda-se uma na rua de S. Geraldo n.º 18. Trata-se no campo de Sant'Anna, n.º 68
(2298)

ARREMATACÃO PERANTE O GOVERNADOR CIVIL DO DISTRICTO ABAIXO DECLARADO

No dia 17 de Março de 1879

LISTA N.º 2074

DISTRICTO DE BRAGA

CONCELHO DE GUIMARÃES

Fôro pertencentes ao passal do parcho da freguezia de S. Miguel do Castello

9 Fôro de 200 reis e 2 gallinhas ou 80 reis por elias, imposto no

Campo de Golpelhaes, que se compõe de terra lavradia e arvores de vinho; com laudemio de quarentena.—Emphyteuta. Agostinho Dias de Castro.

14\$034

Gran éxito en Paris

VELOUTINE CH^{les} FAY

POLVO DE ARROZ ESPECIAL PREPARADO CON BISMUTO
INVISIBLE Y ADHERENTE, dá al ótis frescura y transparencia.
INVENTOR CHARLES FAY, 9, RUE DE LA PAIX, PARIS
Se vende en las Farmacias, Perfumerias, Esluqueras y tiendas de quincalla.
Desconfiar de las falsificaciones.

BANCO DO MINHO

E' convocada a assembleia geral dos srs. accionistas do mesmo Banco, para uma reunião extraordinaria, que ha de ter logar no dia 13 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, no edificio do Banco, afim de tomar conhecimento das diligencias empregadas pelos corpos gerentes d'aquelle estabelecimento no intuito de conseguirem a cessação dos vexames que os Bancos d'esta cidade estão soffrendo com a execução do regulamento da lei do sello de 14 de novembro de 1878, e adoptar as providencias que julgar convenientes.

Braga 7 de março de 1879.

O presidente da assembleia geral

José Maria Rodrigues de Carvalho.
(2295)



Linimento BOYER-MICHEL para cavallos, fazendo as vezes de fogo e não deixando vestigios do seu emprego MICHEL, pharmaceutico em Aix (na Provença) França. — Preço 1,000 reis. — Em Lisboa, o snr Barreto, Lezeto, n.º 28—30. (25)

ARREMATACÃO

D. Adrianna Rosa de Mello, residente na rua d'Oliveira, da freguezia de S. Victor da cidade de Braga, faz saber que tendo requerido inventario de maiores, ao fallecimento de seu filho Manoel Antonio de Carvalho e Silva, no juizo de Direito da Povoia de Lanhoso, e no mesmo inventario tem de ser arrematados em praça, no dia 6 do futuro mez d'abril de 1879, no tribunal judiario da Povoia de Lanhoso, todos os bens de raiz, moveis, direitos e acções que do mesmo ficaram; sendo os bens de raiz, as quintas denominadas de Sete Fontes, e Arrebalde, ambas juntas e circundadas sobre si, apenas divididas por um caminho, e muito proximas á estrada nova da Ponte do Porto; que se compõem de grandes casas para senhoria, e para caseiros, dous moinhos, eira de pedra, cinco lagares, aguas de lima e rega, dous laranjaes, oliveas, e pomar de espinho e carogo, estando situadas no mais aprazivel local da freguezia de Santa Maria de Moure da dita comarca. Quem pretender pôde comparecer no indicado dia, na dita villa, pelas 10 horas da manhã, podendo informar-se das propriedades, e vel-as pessoalmente, cuja venda é para pagamento de credores.

Braga 7 de março de 1879.

(2290) D. Adrianna Rosa de Mello.

ATTENÇÃO

Tendo desaparecido da casa do ill.º snr. Bernardino Antonio Peixoto Castello-Branco, uma cadelinha vermelha, pequenina, que dá pelo nome de Piricila, se alguém a tiver em seu poder, e a queira entregar, dirija-se á casa n.º 4, Rocio de Traz da Sé.
(2291)